

Um jornal-laboratório, Jornal "O Pescador" para a Colônia de Pescadores Z3, uma experiência de vida¹

Ana Viegas²

Jairo Sanguiné³

Universidade Católica de Pelotas – UCPEL, Pelotas, RS

Resumo: O curso de jornalismo da Universidade Católica de Pelotas desenvolve desde o ano de 2000 o projeto “O Pescador”. O local onde é realizado o projeto é uma região afastada do centro urbano, com personalidade cultural própria. O projeto de jornalismo comunitário vem a contribuir para um processo de formação e contribuição da cidadania, de forma a propor além de informações relevantes da atualidade, um diálogo entre o poder público e a comunidade, mostrando a luta e busca deles por desenvolvimento e melhores condições sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Comunitário; Cidadania; Informação; Mídia Alternativa.

Introdução

Os *medias* tentam ser vistos pela sociedade apenas como transmissores de uma realidade no qual não possuem o poder de interferir, mas sim de mediar, de forma a transmitir uma mensagem como meros reprodutores de fatos, apenas com o comprometimento a chamada veridicidade dos acontecimentos. No entanto, poucos são os mecanismos disponíveis à sociedade para que ela própria se manifeste no meios de comunicação de massa, traduzindo-se em direito à informação democrática.

A subjetividade jornalística é característica das escolhas e do modo como o jornalista apenas consegue tratar a realidade de forma parcial. A imensa quantidade de fatos faz com que os meios escolham e determine, através de um agendamento, apenas o que lhe é interessante divulgar. As diferenças entre as condições sociais são, na maioria das vezes, apresentadas como fatores de impacto gerados por incompetências administrativas.

Para Thompson (1995) a sociedade configurada pelos medias, acaba por apresentar características marcantes:

Um conjunto de Instituições interessadas na mercantilização e circulação ampliada das formas simbólicas. Nas últimas décadas essas instituições se tornaram cada vez mais integradas em conglomerados de comunicação de grande porte, e a circulação de formas simbólicas se tornou cada vez mais global. O desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação seguiu e facilitou essas tendências, enquanto que ao mesmo tempo marcava o começo de um novo ponto de partida importante na história das modalidades de transmissão cultural. (Thompson, 1995, p. 278)

¹ 1] Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Ana Viegas, acadêmica do 7º semestre do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas com habilitação em Jornalismo; e-mail: aninha.viegas@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UCPEL, e-mail: jairosanguine@gmail.com

Os problemas de desigualdades sociais são tratados pelos *medias* através de um processo de dramatização. As pessoas acabam por serem apresentadas como “miseráveis em busca de ajuda”, no entanto, os veículos de comunicação dificilmente tratam as questões que levaram aquele indivíduo aquela situação. Dramatização que acaba tendo uma relevância predominante sobre os processos de informação. Para Morin (1997):

Os fatos variados não são acontecimentos que informam o andamento do mundo; são, em comparação com a História, atos gratuitos. Mas esses atos afirmam a presença da paixão, da morte e do destino, para o leitor que domina as extremas virulências de suas paixões, proíbe seus instintos e se abriga contra os perigos. No sensacionalismo, as balaustradas da vida normal são rompidas pelo acidente, a catástrofe, o crime, a paixão, o ciúme, o sadismo. O universo do sensacionalismo tem isso em comum com o imaginário (o sonho, o romance, o filme): infringe a ordem das coisas, viola os tabus, compele ao extremo a lógica das paixões. (...) É esse universo de sonho vivido, de tragédia vivida e de fatalidade que valorizam os jornais modernos do mundo ocidental. (MORIN, 1997, p. 100)

Para Paiva (2003) a pesquisa do jornalismo pode acabar por sugerir uma hipótese de compreensão, levando a outras variáveis. Podendo assumir os ensaios para uma estrutura narrativa, que manifestam expressões intrínsecas do caráter cultural e social:

Um regime comunicativo é considerado textualizado quando privilegia a estória sobre o conto e o fabulativo sobre o demonstrativo, - os seus valores serão expressos em mitos e não em tratados filosóficos ou científicos. Tanto a oralidade quanto os meios baseados em imagens, como a tevê o cinema, são propensos à textualização. Por outro lado, um regime comunicativo é caracteristicamente gramaticalizado quando exprime as próprias regras e os próprios conteúdos na forma explícita dos discursos, códigos, sistemas gramaticais, antes que em sistemas pragmáticos.

E os chamados meios de comunicação comunitária acabam por ter a possibilidade de apresentar, de forma clara, conteúdos de interesse imediato de uma comunidade – tendo como características valores também interioranos, a partir do momento que leva em conta os aspectos daquele aglomerado, não objetivando o lucro, mas sim um processo de contribuição para cidadania, através de um conjunto de contatos e relações com a tradição, costumes e interesses, com participação da comunidade em ideias e valores comuns – diferenciando assim os aspectos de mídia comunitária e mídia local.

Mídia Alternativa: a comunicação comunitária e a democratização das informações

Conforme o Dicionário de Língua Portuguesa (1999), cidadania é “qualidade ou estado de cidadão”, que por sua vez é “indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado, ou no desempenho dos seus direitos para com este”. E expressar, com livre autonomia, a realidade de um povo, com seus costumes, valores e crenças, disponibilizando direitos humanos que muitas vezes são restritos, principalmente a comunidades com características próprias e afastadas do centro urbano, pode gerar participação em ideias para o diálogo e desenvolvimento comunitário.

A mídia comunitária tem como função ajudar a esclarecer, em linguagem fácil, noções básicas de direitos civis, políticos e sociais, gerando reconhecimento daquela comunidade, de forma a promover cidadania, ética e respeito, com participação mútua. Atualmente existe um crescimento das tentativas de mídias comunitárias – criam-se segmentos com objetivo de dar voz a determinados grupos de pessoas que normalmente não tem espaço para se expressar de forma livre, com autonomia, valorizando seu modo de pensar e falar – veículos em diversos formatos: revistas, rádios, jornais, entre outros, porém existe ainda um enorme bloqueio no crescimento por falta de incentivo de empresas e políticas públicas.

Conforme Dornelles (2004), as grandes cidades possuem maior quantidade de informação e interesses múltiplos, porém nas pequenas os leitores preferem saber em primeiro lugar o que está acontecendo na sua cidade para posteriormente dedicar alguma importância a fatos da região. Segundo ela, os leitores das cidades de menor população, interessam-se por conhecimentos locais de questões de saúde, educação e vizinhança que muitas vezes não são aprofundados pela imprensa. No interior existe um aspecto mais humanístico, onde as comunidades são mais unidas e solidárias, vizinhos acabam sendo tratados como membros da família e os moradores conhecem todos naquela região.

No jornalismo comunitário a filosofia editorial deve ser pensada de forma a atender a comunidade, as matérias são produzidas a partir da própria realidade social e cultural dessas comunidades. É a própria comunidade quem determina quais as notícias devem ser divulgadas e como essas notícias devem ser trabalhadas e construídas.

Conforme Ferreira (apud Dornelles, 2004, p. 131) os jornalistas “comunitários” pensam “comunidade” como:

[...] um grupo humano, independente do número de pessoas, que vive em uma determinada área geográfica, caracterizado por um conjunto de relações e contatos íntimos, possuindo a mesma tradição, os mesmos costumes e os mesmos interesses, mais a consciência da participação em idéias e valores comuns.

Valores que propõe um aglomerado populacional com destaques mútuos de processos demográficos de nascimento, morte, migração e aspectos culturais e, também, psico-sociais – comportamentos, hábitos e atitudes – estabelecidos e cultuados em conjuntos. Por isso, como forma de integração os jornalistas que trabalham no interior e, principalmente que dedicam-se ao aspecto da mídia comunitária, acaba por não apenas observar os acontecimentos, mas também por ser tratado como parte integrante em reuniões de igrejas, escola, sindicatos, postos de saúde, entre outros, para fins de credibilidade daquela população que enxerga aquele profissional como detentor da “voz da comunidade”.

A imprensa alternativa chegou ao Brasil, através de espaços de resistência e expressão contra o regime militar (1964-1984), que acabava por abafar as ideias e projetos de jornalistas, artistas e intelectuais da época. A imprensa alternativa acabou se configurando e assumindo importância no processo político do período pela luta da liberdade de imprensa. A maioria dos jornais era de pequeno porte e foram persistentes nas denúncias e críticas as formas de repressão do governo militar. Com a nova organização política e o fim da ditadura, os jornais alternativos perderam a força e foram desaparecendo.

A comunicação comunitária ou popular não é um fenômeno recente. Seu início se deu lá na comunicação alternativa, que após começou a se chamar comunicação popular e após comunicação comunitária, caracterização que conhecemos até hoje. No início tinha apenas a característica de reunir um grupo de pessoas com interesses mútuos, onde pudessem lutar pelos direitos e interesses de uma comunidade. Para Martini (2004) a comunicação comunitária é um processo democrático vinculado aos interesses da população:

[...] desempenham a função de elo de união entre os elementos internos do grupo ou da comunidade, como também de outros grupos pertencentes ao movimento ou à comunidade. Além disso, orientam a ação organizada do grupo e quando esta orientação for fruto de consulta, participação coletiva, diálogo, discussão e decisão também coletiva, o processo será democrático.

Martini disse ainda:

Esta organização democrática assume um caráter popular ou comunitário, quando os veículos usados nesse processo são utilizados para o grupo e quando conseguem a verdade da realidade para todo o grupo.

Jornalismo Comunitário: história e construção do jornal O Pescador

O jornal O Pescador é parte integrante do projeto de extensão em jornalismo comunitário do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas, que iniciou no primeiro semestre de 2000. A proposta inicial surgiu através da reivindicação dos alunos que queriam desenvolver algo prático na área de jornalismo. A ideia era desenvolver um jornal impresso comunitário em um bairro ou vila do município de Pelotas, para que os alunos da disciplina de Redação II pudessem praticar os conteúdos apresentados em aula.

A escolha pela Colônia de Pescadores Z3 se deu através de um projeto fotográfico, conhecido como História de Pescador, desenvolvido na época por um grupo de aluno do curso. Além disso, o local escolhido deveria ser uma comunidade afastada do centro urbano, com vida e identidade próprias. A Colônia de Pescadores acabou por se encaixar perfeitamente nos requisitos.

Com o objetivo de discutir e desenvolver novas formas, a partir de um processo jornalístico alternativo, participativo e inclusivo, os alunos, sob coordenação do professor responsável pela disciplina de Redação em Jornalismo II concluíram a primeira edição, contando aspectos da vida dos moradores e da comunidade. Na segunda edição, as novidades da introdução do esporte, com destaque a matérias de futebol, descrevendo a copa BTN, na época tradicional na colônia. Nas demais edições foram feitas adaptações, de forma a aperfeiçoar, cada vez mais, os anseios e destaque na história, costumes e vida dos moradores da Colônia.

Baseado nas teorias do jornalismo comunitário, propondo uma forma alternativa e popular voltada aos interesses da comunidade. O jornal foi desenvolvido inicialmente com 12 integrantes de aproximadamente 10 editorias. Atualmente o jornal pescador conta com 18 integrantes de alunos dos cursos de jornalismo e publicidade da Universidade Católica de Pelotas, tendo 12 editorias fixas, entre elas cidadania, comportamento, educação, pesca, geral, moda, infantil, cultura, esporte, saúde, enquete e meio ambiente. Da primeira edição até hoje já passaram pelo projeto 182 alunos do curso, além de alunos de outros cursos da universidade, como Direito, Psicologia e Ecologia.

A idéia do projeto é de inverter a ordem lógica dos tradicionais processos comunicativos, dando ênfase à participação da comunidade a partir de suas opiniões e sugestões de quais as pautas a devem ser tratadas no jornal. Com utilização de uma

linguagem adequada ao público em questão, o projeto transformou-se num canal de diálogo entre a comunidade e o poder público constituído.

Conforme Sequeira e Bicudo (2006) o jornalismo comunitário deve ser retratado de forma a reivindicar os anseios das comunidades:

No jornalismo comunitário, o local é quem dá as cartas – ou melhor, as pautas. Ele assume com ênfase e sem constrangimentos o fato de procurar dar conta de uma área restrita e, nesse sentido, e em comparação com os chamados veículos da grande imprensa, não se importa em ser pequeno, de conversar com grupos limitados, em termos quantitativos. Essa, aliás, é vista como uma de suas grandes virtudes qualitativas, pois o fato de aproximar-se de seu público permite que dialogue com ele mais com profundidade e intensidade. (SEQUEIRA e BICUDO, 2006: 10)

Para Mendonça (2008) a fala materializada no jornalismo comunitário não pode ser caracterizada apenas como uma “pregação aos convertidos”:

[...]Por mais que ela seja prioritariamente voltada a um público interno que já partilha certas perspectivas de entendimento do mundo, ela tem também a intenção de ser uma fala pública, capaz de atingir outros atores sociais. Isso porque os conflitos sociais moralmente motivados requerem a interação da sociedade como um todo. (Mendonça, 2008, p. 113)

A Colônia de Pescadores Z3 é caracterizada também por Colônia São Pedro. Surgiu no ano de 1923 e apenas em 1990 organizou-se o sindicato de pescadores como forma de livre associação. Conforme o IBGE, está localizada a 20km da sede da cidade de Pelotas, as margens oeste da Lagoa dos Patos, sua população possui baixo nível de alfabetização e conforme Saraiva (2009) é formada por 3.221 habitantes, sendo 2.291 residentes na área urbana e 930 na área rural. Martini (2004) apontou naquele ano, 80% da comunidade vivia da pesca, os outros 20% trabalhava em outras atividades ou não trabalhavam.

O Jornal Pescador, ao mesmo tempo que propicia aos alunos de comunicação a oportunidade de desenvolver a prática profissional, acaba por abrir um leque de discussões sobre a própria organização social da comunidade. Para Peruzzo (1998):

Convém não esquecer, como já dissemos, que tanto "participativo" como "popular" não qualificam necessária e automaticamente o substantivo democracia. Muitas organizações podem estar às voltas com propostas conservadoras e autoritárias. O Brasil está cheio de exemplos. (PERUZZO, 1998:141-42)

Desde as primeiras edições o jornal torna público os problemas relacionados à saúde, segurança, educação, saneamento, transportes, entre outros. O processo participativo da comunidade, que expõe para os estudantes de jornalismo as suas reivindicações e, o processo dos estudantes que publicam seus trabalhos, tendo em vista sempre formas de estimular e desenvolver a cidadania, além de apontar, na muitas vezes, os anseios daquela população para geração de melhores condições de vida e desenvolvimento local.

Conclusão

O projeto de jornalismo impresso comunitário O Pescador, desde o início abordou assuntos relativos ao cotidiano da Colônia de Pescadores Z3, propondo também assuntos importantes com temáticas de fora da comunidade que poderiam ser de importância informativa. A cada edição proposta, a comunidade acaba por se envolver mais nesse processo participativo, gerando assim a participação como indivíduos cidadãos.

A filosofia editorial sempre foi embasada em um conjunto de ações participativas de forma a proporcionar benefícios sociais através da responsabilidade social que acaba por ser mais aguçada nos meios de comunicação comunitária. O jornal desde as suas primeiras edições manteve as participações e reivindicações dos moradores da comunidade, como forma de representação através da história, comportamento, crenças e valores, propondo a eles o direito de contribuir de alguma forma em prol da busca pelos direitos humanos que, muitas vezes, são restritos pelos meios públicos.

A comunicação popular, através da busca da reflexão crítica das comunidades pela condição de direitos a cidadania, acaba por confiar no meio de comunicação, como noticiador das vontades, devido à autonomia e independência no caráter de intervenção daquela população no processo de informação e diálogo com o meio público sobre os acontecimentos da realidade.

Referências Bibliográficas

CORRADO, Frank. **A força da comunicação: quem não se comunica**. São Paulo: Makron Books, 1994.

DORNELLES, Beatriz. **Jornalismo “comunitário” em cidades do interior – uma radiografia das empresas jornalísticas**. Porto Alegre: editora Sagra Luzzatto, 2004.

Ferreira, ABH. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. rev. amp. **Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1999.**

MARTIN, Barbeiro Jesus. **Dos meios as meiações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: editoria UFR, 1997.

MATTLART, Armand. **A globalização da Comunicação**. Bauru: São Paulo, EDUSC, 2000.

MENDONÇA, Ricardo. **Jornal comunitário e interações discursivas: entre desigualdades deliberativas e luta por reconhecimento**. In *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo: 2008, v.31.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Séc. XX: Neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária:1997.

PAIVA, Raquel. **Jornalismo comunitário: uma reinterpretação da mídia pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático**. In *Revisa Famecos*. Porto Alegre, 2006.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, Rio de Janeiro: editora Vozes, 1998.

RAMONET, Inácio. **A Tirania da Comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: editoria Vozes, 1995.

SARAIVA, Douglas. **Jornalismo Comunitário na Colônia de Pescadores, em Pelotas-RS**. Trabalho apresentado no Expocom 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/expocom/EX16-1174-1.pdf>, acesso em 19 de abril de 2012.

SEQUEIRA, Cleofe. BICUDO, Francisco. **Jornalismo Comunitário: Importância, conceitos e desafios contemporâneos**. Observatório, 2006.